



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Aterro: histórias, ressurgências criativas e diversidade contaminada em uma paisagem arruinada.

Autoria: Ivan Tadeu Gomes de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Nos últimos 50 anos, Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil, vem acumulando intensas e inumeráveis perturbações humanas. Em ritmo acelerado, os eventos de perturbação com gênese intra e extra locais contribuíram e continuam a contribuir para a configuração atual de sua paisagem, impactando fatal e violentamente os modos de vida humanos e não humanos que com a ilha se desenvolveram ao longo de séculos. Resultado do projeto modernista brasileiro da segunda metade do século XX, a expansão da malha rodoviária e os planejamentos urbanistas desde então elegeram os automóveis como paradigma primordial de desenvolvimento das cidades. Seguindo a mesma toada, a política de desenvolvimento de infraestrutura e mobilidade do Estado catarinense ignorou o potencial propiciado pela superfície marítima da ilha-capital e empreendeu mega projetos, como o aterro para ampliação das margens insulares e continentais do canal central e a construção das pontes Colombo Machado Salles e Pedro Ivo Campos - ambas servindo especialmente ao propósito de ampliar a malha rodoviária entre a ilha e o continente. Esses empreendimentos foram e são - responsáveis por perturbações aceleradas que alteraram consideravelmente a paisagem - não apenas do centro da ilha, mas de grande parte das baías sul e norte - arruinando diversos ecossistemas humanos e não humanos. Minha pesquisa de mestrado se debruça sobre



alguns desses efeitos, catando e recontando histórias de ressurgências criativas de vidas em coordenação, que têm como ponto de contato a paisagem arruinada da baía central. Não apenas histórias de morte e devastação: mas também de reinvenções e teimosia, apesar de tudo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: